

# **Currículo e Inclusão** na escola de Ensino Fundamental

**Clarice Salete Traversini**  
**Maria Isabel Habckost Dalla Zen**  
**Elí Terezinha Henn Fabris**  
**Maria Cláudia Dal'Igna**  
**Organizadoras**

Clarice Salete Traversini  
Maria Isabel Habckost Dalla Zen  
Elí Terezinha Henn Fabris  
Maria Cláudia Dal'Igna  
Organizadoras

# Currículo e Inclusão

na escola de Ensino Fundamental



---

PATROCÍNIO



---

UNISINOS

APOIO



Porto Alegre  
2013

© EDIPUCRS, 2013

**CAPA:** Rodrigo Braga

**IMAGEM DE CAPA:** Renata Stoduto - teatro de sombras desenvolvido pelas alunas Maria Elena Fernandez, Rosane da Silva, Alexandra Monteiro e Magda de Farias, sob a orientação da professora Laura Dalla Zen, para a atividade acadêmica Linguagens Artístico-Culturais I (Pedagogia|UNISINOS|2013/1).

**REVISÃO DE TEXTO:** Márcio Gastaldo

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Rodrigo Braga e Rodrigo Valls



**EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33

Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900

Porto Alegre – RS – Brasil

Fone/fax: (51) 3320 3711

e-mail: edipucrs@pucrs.br - www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C976 Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental  
[recurso eletrônico] / orgs. Clarice Salete Traversini  
... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre:  
EDIPUCRS, 2013.  
238 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <<http://www.pucrs.br/edipucrs>>

ISBN 978-85-397-0376-0

1. Educação. 2. Currículo – Ensino Fundamental.  
3. Currículo Escolar. 4. Inclusão Escolar. I. Traversini,  
Clarice Salete.

CDD 372.19

---

**Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.**

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.** Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos direitos Autorais).

# INTRODUÇÃO

## Pontos de ancoragem: a pesquisa, o currículo e os processos de in/exclusão no Ensino Fundamental

Clarice Salete Traversini  
Maria Isabel Habckost Dalla Zen  
Elí Terezinha Henn Fabris  
Maria Cláudia Dal'Igna

*Como estamos pesquisando as práticas curriculares e a inclusão na escola?*

O conjunto de textos que compõe este livro, cujo objetivo é reunir resultados de pesquisas que focalizam práticas curriculares ditas inclusivas no Ensino Fundamental, permite exercitar possíveis respostas. Essas pesquisas, a partir da pluralidade de teorizações, apresentam abordagens que ora se afinam, ora se distanciam no modo de olhar, selecionar e produzir interpretações sobre os “dados”<sup>1</sup>. Sob nosso ponto de vista, tais abordagens enriquecem e ampliam as discussões exigidas para a leitura, a análise e a intervenção nos processos educativos, ações essas imprescindíveis para se lidar com a complexidade da escola contemporânea.

Começaremos, então, explicitando de que modo entendemos currículo. Compreendemos esse artefato como uma construção histórica de saberes e culturas, um território para se pensar as diferenças numa dimensão que movimenta o ensinar e o aprender no âmbito escolar. Longe de ser somente uma lista de conteúdos, para nós, o currículo incorpora esses conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem para constituir o sujeito em seus processos no âmbito do cognitivo e de sua inserção sociocultural. As práticas de uma cultura são trazidas para a escola por meio das práticas curriculares: ações que articulam conteúdos com metodologias de ensino, operacionalizadas nas atividades pedagógicas, propostas pelos/as professores/as, com vistas a alcançar a aprendizagem de determinados conhecimentos, valores e comportamentos. Desse modo, podemos dizer que as práticas curriculares articulam elementos

---

<sup>1</sup> Em nossa perspectiva teórica, entendemos os dados como sendo produzidos pelo/a pesquisador/a (GEERTZ, 1989).

que existem no mundo, ao mesmo tempo em que criam sentidos para o mundo ocupando uma posição central nos processos de inclusão escolar.

Argumentamos que na escola contemporânea o currículo, necessariamente, precisa ser pensado, discutido e viabilizado na perspectiva da inclusão e da exclusão, numa dimensão relacional, por isso o compreendemos como um processo de in/exclusão. Em se tratando de tal perspectiva, é importante pensar as práticas pedagógicas imersas na complexidade de uma escola que, sob o imperativo da inclusão, precisa abrir-se para incluir a todos/as e, ao mesmo tempo, enfrentar limitações de todas as ordens que impedem o acesso com garantia de qualidade nas inclusões que promove.

Os eixos que fazem parte desta obra – currículo e in/exclusão – vêm sendo apontados na literatura educacional brasileira em larga escala. O primeiro eixo, por assim dizer, problematiza as relações saber-poder (MOREIRA, SILVA, 2011; PARAÍSO, 2004; SILVA, 2007; VEIGA-NETO, 2008). Já o segundo, in/exclusão, agregou-se às discussões curriculares, incorporando distintas perspectivas (BAPTISTA, 2004; BEYER, 2006; LOPES; FABRIS, 2013; SKLIAR, 2005). Essas teorizações têm influenciado significativamente os grupos de pesquisa com os quais temos compartilhado fecundas interlocuções<sup>2</sup>.

Os diálogos acadêmicos produzidos nas/entre disciplinas, orientação e avaliação de projetos de teses, dissertações, monografias de conclusão de curso de graduação e especialização, orientações de estágios de graduação e pós-graduação, participação em programas para formação de professores para implementação de políticas públicas<sup>3</sup> suscitaram a elaboração desta publicação temática compartilhada entre os grupos de pesquisa.

Fundamentalmente, nosso fio condutor foi a opção por pesquisar *com* e não *sobre* a escola. Mas, por que estudar a escola, um lugar onde, supostamente, as práticas são tão previsíveis? Em uma primeira instância, somos todas professoras! A repercussão dessa experiência para nós tem várias dimensões; dentre essas, o fato de estarmos constantemente envolvidas em discussões sobre os eixos educação, formação de professores, escola, práticas curriculares e in/exclusão. Essas vivências e a necessidade de intervenção no cotidiano conflituoso da escola – espaço de experiências socioculturais de

---

<sup>2</sup> O impacto dessas teorizações pode ser observado em algumas de nossas produções acadêmicas (DAL'IGNA, 2007; FABRIS, 2009; TRAVERSINI, XAVIER, SOUZA, RODRIGUES, DALLA ZEN, 2012; SOUZA, XAVIER, TRAVERSINI, DALLA ZEN, RODRIGUES, RAMOS, 2012).

<sup>3</sup> Programa Mais Educação (SEB/MEC) e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/MEC).

um grande contingente de crianças, jovens e adultos, repleto de situações de complexo entendimento –, portanto, se tornam desafios para quem pesquisa educação no contexto brasileiro.

Assim sendo, sentimo-nos “convocadas” a escutar, a dizer, a tensionar a escola, esse lugar pelo qual temos enorme respeito e onde estamos circulando constantemente<sup>4</sup>, buscando desacomodar discursos e (im)possibilidades. Essa desacomodação gera outras perguntas para aquilo que julgamos conhecer muito de perto e explicar com algumas certezas.

Para tanto, os alinhavos deste livro começaram a ser delineados no final de 2011 e, na sequência, discutimos, escrevemos e revisamos os textos, em um trabalho conjunto, ao longo de 2012. Deste modo, a própria configuração compartilhada desse trabalho possibilitou a formação de professores/as pesquisadores/as, envolvendo participantes das escolas e das universidades<sup>5</sup>.

O Grupo de Estudos sobre Educação e Disciplinamento da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPED<sup>6</sup>) e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (GEPI<sup>7</sup>) articularam-se, então, para socializar conhecimentos e metodologias produzidos por meio dos seus estudos. Assim sendo, este livro compõe-se de quatorze artigos, os quais foram resultado de parcerias com professores/as de cinco Programas de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Universidade Federal de Rio Grande – FURG, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS),

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aqui as nossas experiências na e com a escola na condição de docentes do ensino superior e da educação básica.

<sup>5</sup> Especialmente agradecemos à bolsista Lúcia Vilma Lissarassa da Silva Carvalho pelo auxílio nos processos de interlocução entre os artigos.

<sup>6</sup> Grupo criado em 1992, sediado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e cadastrado na plataforma do CNPq desde 2007. É constituído por docentes e estudantes ligados à Graduação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFRGS. Constitui-se em um espaço de produção, discussão de pesquisas e divulgação de conhecimentos sobre formação de professores e práticas curriculares no âmbito dos processos inclusivos, nas perspectivas dos estudos culturais em educação e dos estudos foucaultianos.

<sup>7</sup> Grupo criado em 2000, sediado no Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, (PPGEDU/UNISINOS) e cadastrado na plataforma do CNPq desde 2010. É composto por pesquisadores/as de distintas universidades que se reúnem, semanalmente, com o objetivo de estudar, discutir e compartilhar resultados de pesquisas sobre a temática central da in/exclusão. Alicerçados/as na perspectiva pós-estruturalista, problematizam a inclusão como celebração da diferença e como princípio universal, entendendo-a como um campo de tensionamento permanente das verdades que posicionam os sujeitos e definem políticas sociais e educacionais.

por meio de artigos elaborados pelas professoras integrantes dos grupos de pesquisa que organizaram esta obra e pelo coletivo de professores/as de três escolas da rede municipal de Porto Alegre-RS, nas quais se desenvolveu a ação de implementação de uma ação inclusiva denominada de Projeto Docência Compartilhada<sup>8</sup>. Parte das pesquisas que geraram os artigos aqui divulgados contou com financiamentos e/ou auxílios de órgãos públicos como CNPq, CAPES, FAPERGS, UNIBIC/UNISINOS<sup>9</sup> e Propesq/UFRGS<sup>10</sup>. A outra parte contempla trabalhos de reflexão produzidos pelo coletivo de professores/as de três escolas, nas quais se realizaram alguns dos projetos financiados.

Os artigos integrantes desta publicação lançaram mão dos focos a seguir relacionados: o primeiro analisa a implementação de políticas públicas de inclusão, mais especificamente, pela via do projeto Docência Compartilhada. Tais textos se propuseram a discutir estratégias de inclusão, seus movimentos e tensões vividos em escolas municipais, para viabilizar a socialização e as aprendizagens dos alunos; práticas pedagógicas e aprendizagens discentes e docentes em turmas regulares nas quais estão alunos com necessidades educativas especiais; processos de planejamento e parâmetros de desempenho escolar adotados para posicionar os alunos no lugar de aprendentes. O segundo, de maneira mais ampla, visibiliza o modo como os discursos focalizam os sujeitos aprendentes nos processos de inclusão; práticas de exclusão da escola regular narradas por alunos da EJA, com atravessamentos de gênero, classe e raça/cor; narrativas de alunos surdos sobre suas trajetórias nômades marcadas pela busca de espaços de pertencimento e continuidade de escolarização; culturas juvenis e suas

---

<sup>8</sup> A Docência Compartilhada (DC) é uma proposta pedagógica criada para atender às turmas compostas por alunos ditos “normais” e alunos com necessidades educativas especiais (NEEs), através de um trabalho pedagógico desenvolvido em parceria por dois professores interagindo com a turma ao mesmo tempo: um professor dos anos iniciais, com um professor de área específica de conhecimento, por exemplo: uma pedagoga e uma professora de história. A referida proposta é desenvolvida na rede municipal de educação de Porto Alegre-RS, organizada por ciclos de formação, os quais compreendem o agrupamento de turmas por idade. Inicialmente, essa organização implicou, dentre as turmas regulares, a criação de turmas de progressão, as chamadas TPs – agrupamentos de alunos com defasagem entre faixa etária e escolaridade – formação que, recentemente, está sendo repensada e substituída pela enturmação de alunos com NEEs em turmas regulares, amparada pelo Projeto Docência Compartilhada. Enturmação é entendida como um processo complexo, realizado ao final de cada ano letivo, para agrupar os alunos nas turmas. Esse processo se baseia nos “parâmetros pedagógicos e na avaliação do coletivo de professores de cada ano-ciclo” (KINOSHITA, 2009, p.23).

<sup>9</sup> A pesquisa com sede na Unisinos contou com auxílio da Unidade de Pesquisa dessa instituição com bolsas de Iniciação Científica.

<sup>10</sup> O Grupo de Pesquisa GPED/UFRGS contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação-PROPESQ-

experiências sinalizando possibilidades de diálogo com o currículo escolar. E, por fim, o terceiro problematiza a discussão relativa à formação de professores. Particularmente, a que se refere ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e ao modo como esse produz a docência na Educação Especial. Tal foco finaliza o rol de textos com algumas provocações que as artes visuais contemporâneas podem trazer para nossos modos de pensar a docência e seus efeitos nas práticas curriculares.

Entusiasmadas, apresentamos este livro, reiterando que sua publicação é resultado das pesquisas e práticas que temos desenvolvido nas universidades e nas escolas por onde circulamos e onde trabalhamos. Esperamos compartilhar com os/as leitores/as os textos que aqui se encontram, com o objetivo de contribuir para a multiplicação das formas de pensar a escola contemporânea e seu currículo, hoje centralmente envolvidos com as práticas de in/exclusão.

## Referências

BAPTISTA, Cláudio R. Inclusão Escolar, Imagens e Projetos: o que aprendemos com as pesquisas?. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (Org.). *Trajetórias e Perspectivas da Formação de Educadores*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. p. 357-369.

BEYER, Hugo O. Da integração escolar à educação inclusiva. In: BAPTISTA, Cláudio R. (Org.) *Inclusão e escolarização – múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73-81.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Currículo, conhecimento e processos de (in)exclusão na escola. In: LOPES, Maura C.; DAL'IGNA, Maria Cláudia. (Orgs.). *In/Exclusão nas tramas da escola*. Canoas/RS: ULBRA, 2007. p. 35-48.

FABRIS, Eli Henn. A produção do aluno nos pareceres descritivos: mecanismos de normalização em ação. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.51-67.

GEERTZ, C. Estar lá, Escrever Aqui. *Diálogo*. São Paulo, v. 22, n.3, p. 58-63, 1989.

KINOSHITA, Julia Harue. *Docência Compartilhada: dispositivo pedagógico para acolher as diferenças?* PPGEDU/FACED/UFRGS: Porto Alegre, 2009. (Trabalho de conclusão - Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos)

LOPES, Maura Corcini. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, Maura Corcini; DAL'IGNA, Maria Cláudia. (Orgs.). *In/Exclusão nas tramas da escola*. Canoas/RS: ULBRA, 2007. p. 11-34.

\_\_\_\_\_. FABRIS, Eli Henn. *Inclusão & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOREIRA, Antonio Flavio B.; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas Pós-críticas em Educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

SKLIAR, Carlos Bernardo. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 7-32.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas; TRAVERSINI, Clarice Salete; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; RAMOS, Carolina Lehnemann. Leituras e desdobramentos possíveis de textos escolares de alunos do III Ciclo. In: FETZNER, Andréa R. (Org.). *Como romper com as maneiras tradicionais de ensinar?* Reflexões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, v. 6, p. 195-218, 2012.

TRAVERSINI, Clarice Salete; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. Processos de inclusão e docência compartilhada no III ciclo. *Educação em Revista* (UFMG. Impresso), v. 28, p. 285-308, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares. Da disciplina para o controle. *Sísifo – Revista de Ciências da Educação*, n.7, p.141-150, 2008.